

AOS MEUS COLEGAS

Dr. PENNA RIBAS

4^a Edição 1998

Copyright © 1998

SOCIEDADE DE ESTUDOS E PESQUISAS ESPÍRITAS

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados pela
SOCIEDADE DE ESTUDOS E PESQUISAS ESPÍRITAS

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, guardada
pelo sistema “retrieval” ou transmitida de qualquer modo ou por
qualquer outro meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia,
de gravação, ou outros, sem prévia autorização, por escrito, da
SOCIEDADE DE ESTUDOS E PESQUISAS ESPÍRITAS.

Nota sobre a capa:

Dado a controvertidos Caduceus, adotamos o símbolo que aparece
na edição greco-latina de 1538 das obras de Hipócrates, por
JANUS CORNARIUS, em Froben, Basileia, conforme título
original abaixo.

**ΙΠΠΟΚΡΑΤΟΥΣ
ΚΩΟΥ ΙΑΤΡΟΥ ΠΑΛΑΙΟΤΑ
ΞΥ,ΩΑΥΤΩΜΑΛΛΩΜΗΟΡΥΦΑΙΓ,Β
ΞΛΙΑΠΑΥΤΑ.**

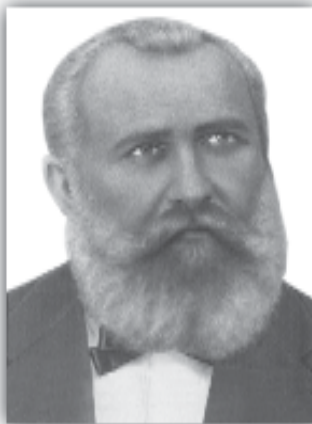
HIPPOCRATIS COI MEDICI

*Vetvstissimi, et omnivm aliorvm principis,
libriomnes, ad uetuftos codices fummo ftudio
collati & reftaurati.*

Telefones para aquisição dos livros do Dr. Penna Ribas:

(021) 2620-8574
2714-0682
2717-2706

Mestre Bezerra de Menezes



“A cura das moléstias de fundo orgânico e das que são efeitos de causas morais, não se pode alcançar pelos mesmos meios.

A Ciência precisa distinguir as causas físicas das morais, para poder aplicar às moléstias os meios correlativos.”

Bezerra de Menezes

A Loucura Sob Novo Prisma - 2ª Edição FEB - Pág. 156

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Mestre Penna Ribas



Espiritopatia é todo estado mórbido provocado no organismo humano pela atuação de Espíritos sofredores ou obsessores.

Na primeira hipótese, a Espiritopatia manifesta-se com os quadros clínicos das doenças somáticas, agravados com sintomas esdrúxulos e marcados pela rebeldia ao tratamento médico.

Na segunda hipótese, a Espiritopatia toma feição de quadro psiquiátrico. Na Espiritopatia clínica, o Espírito sofredor contamina o perispírito ou corpo espiritual da vítima com radiações mórbidas e morbígenas que conserva, por provação purgativa, em seu corpo espiritual.

Na Espiritopatia psiquiátrica, o Espírito obsessor, por maldade ou vingança, atua por força mental sobre o psiquismo da vítima, modificando-lhe o comportamento. Provocada que seja a doença por Espírito sofredor ou obsessor, a Espiritopatia tanto poderá ser causa eficiente como causa adjuvante. No primeiro caso, a doença é totalmente de origem espiritual. No segundo caso, o fator espiritual é, apenas, agravante de um estado mórbido já declarado.

Como se infere, a concepção de Espiritopatia não nega nada daquilo que está cientificamente comprovado; apenas rompe preconceitos para mostrar à Ciência novo campo de investigações, riquíssimo em conseqüências para a Medicina e para a Religião - campo de investigações esse que, no futuro, será a maior contribuição do Neo-espiritismo para a felicidade da Humanidade.

R. Penna Ribas
Verdades Imperecíveis - pag. 167

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

APRESENTAÇÃO

A função primacial do médico é curar. Todos os conhecimentos inerentes ao seu patrimônio intelectual devem cooperar harmoniosamente para este mesmo ideal - estabelecer a saúde dos enfermos.

Colaborando com este ideal, o Dr. Penna Ribas desejava apresentar aos médicos com a sua tese “As Espiritopatias à Luz da Doutrina Espírita”.

Seus discípulos, convictos da veracidade deste novo conhecimento, respaldado em inúmeras provas, vêm, com gratidão, satisfazer ao seu desejo. Aproveitam, também, a oportunidade para homenageá-lo e ao Dr. Bezerra de Menezes, incluindo neste livro as suas fotos. Ambos, acima dos seus interesses pessoais, lutaram heroicamente para a espiritualização da Medicina e para levar saúde e paz à Humanidade.

INTRODUÇÃO

Atendendo a insistentes solicitações da emissora, anuí em comparecer à TV Globo acompanhado por um grupo de médiuns da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, com a finalidade de demonstrar, sob o controle de colegas convidados pela direção do programa, a autenticidade das Espiritopatias. Gravados em videotape; os dois programas, demasiado longos, foram arbitrariamente mutilados, com cortes de cenas e depoimentos que, no conjunto, fortaleciam minha tese, de modo que, ao serem exibidos, muitos telespectadores não compreenderam, nem poderiam compreender, o objetivo das experiências e observações provocadas, que, havia vários anos, eu vinha realizando, na SEPE, com participação de quantos colegas o desejassem.

Mas, apesar de tudo, sempre houve alguns telespectadores que perceberam onde eu pretendia chegar, não fora o tumulto dos diálogos e as podas posteriores. E dentre eles, destaco distinto colega alopata, que, preocupado com a possível ressonância de minha tese, perguntou-me, estomagado, onde ficaria a dignidade do médico se, porventura, minhas idéias se tornassem vitoriosas.

Sem hesitar, retruquei-lhe incontinentemente que nada dignifica mais o homem do que a verdade; e que, se, um dia, minha tese for aceita pela classe médica, a dignidade do médico alcançará um padrão jamais atingido. Exemplifiquei. Admitamos, para discutir, que o colega seja renomado pediatra e que fora chamado a domicílio para atender a uma criança gravemente doente. Como médico afamado, o colega chega à casa do novo cliente, num lindo automóvel e vestindo um terno de linhas impecáveis. Ao transpor a soleira da

porta, o colega depara-se com uma mãe aflita que lhe informa já haver recorrido de balde a todos os recursos domésticos, sem o mínimo proveito para o filho acamado. O colega, trepado no pedestal da fama, conserva-se discreto e circunspecto até penetrar no aposento do pequeno enfermo. Encontra-o agitado e irritado, indócil ao exame. A temperatura não é elevada, mas a sintomatologia é pobre. Há mais alterações psíquicas do que somáticas. O colega não concluiu por nenhum diagnóstico. Nem fez prognóstico. Mas o tempo todo falou difícil - esbanjando terminologia técnica e embasbacando a família com tanta sabedoria. Terminado o exame, a receita prolixa e cara; e vários exames requisitados.

Todavia, a despeito da pose e dos termos empolados, o colega não venceu - foi vencido. O doentinho piorou. Seu estado psíquico agravou-se e a temperatura elevou-se.

Alarmada, a mãe extremosa, insiste em nova visita. O colega volta, mais posado e mais bem vestido. Mas no fundo sente-se inseguro. E mais inseguro ficou quando leu a papelada remetida pelo laboratório. Tudo negativo. Nenhum roteiro para o diagnóstico etiológico. E, no entanto, a criança está evidentemente pior. Mais irritada, quase agressiva, recusando alimentação e medicação, que lhe provocam náuseas e vômitos. Bebe muita água, mas a temperatura permanece estável, sem sudorese.

Depois de reexaminar aparelho por aparelho, órgão por órgão e de empregar termos técnicos mais esdrúxulos do que os utilizados na primeira visita, o colega faz nova prescrição, com remédios de nomes mais complexos e muito mais caros; e pede novos exames ao laboratório.

Tudo em vão. Os exames foram novamente negativos e o menino, mais nervoso, mais rebelde e mais combalido, continuava piorando e a febre se agravando, sem identificação da infecção!

Desolada, a mãe da criança telefona-lhe e consulta-o sobre a conveniência duma conferência médica. O colega, cioso de seu nome e da ética, concorda imediatamente e propõe-se levar à cabeça do pequeno enfermo um nome nacional, seu antigo mestre na Faculdade de Medicina. Ambos chegam quase juntos. Mas o professor possui um automóvel mais luxuoso, trazido da América,

por ocasião do último congresso internacional. Como mestre de renome mundial ainda é mais imponente do que o colega; e fala em termos mais rebuscados, com tantos prefixos e sufixos gregos e latinos que os pais da criança ficam boquiabertos com tanta ciência!

Após demorado exame, mestre e ex-discípulo, isolam-se em discreto recanto da casa para o diálogo secreto. Resultado: nova prescrição, assinada pelo colega e por seu antigo professor, com remédios de nomes mais difíceis de soletrar e muitíssimos mais caros. Além disso, novas requisições de exames de laboratório.

Mas, apesar de tudo, ao fim de mais alguns dias, o doentinho não havia ainda apresentado qualquer melhora.

Os pais do pequeno, desolados, já estavam pensando em mudar de Medicina e apelar, como sói acontecer em casos desesperadores, para a Homeopatia. Foi aí que entrou em cena humilde negra velha, afeiçoada cozinheira da casa. Condoída da patroa e sentindo, por intuição, o que havia, na criança, por trás da doença, a boa fâmula, com muito jeito, acercou-se da patroa e disse-lhe: “Oia, nhá-nhá, negra véia num tem nada cum isso, mas se eu fosse vosmecê chamava D. Fulana prá rezá o minino. Issu é mal que dotô num conhece”!

A patroa aceitou o conselho e mandou chamar a rezadeira.

Criatura pobrementemente vestida, entrou na casa do rico casal cabisbaixa, quase envergonhada, e com receio de esbarrar em algum objeto de valor. Mas, ao penetrar no quarto do menino doente, apumou o tronco, soergueu a cabeça e caminhou resolutamente em direção à cama do enfermo, junto à qual permaneceu em profunda e muda oração, rogando mentalmente a Deus o afastamento do Espírito que estava prejudicando a criança, para maior sofrimento dos pais. Ninguém ouviu palavra; mas todos observaram que, de agitado, irritado e malcriado que estava até então, o menino acalmou-se e entrou em profundo sono.

Observando a perplexidade da mãe da criança, a rezadeira advertiu-a: “Deixa ele dormir, madama; quando ele acordar estará curado”. E, de fato, no mesmo dia, a temperatura, que vinha resistindo aos antitérmicos, voltou ao normal e, simultaneamente, desa-

pareceu toda a sintomatologia mórbida. De modo que uma simples rezadeira, pouco menos que analfabeta, mas dotada de força espiritual para afastar o Espírito causador da Espiritopatia, pôde efetuar em poucas horas, uma cura que desafiou durante vários dias dois liminares da Medicina!

Agora, pergunto-lhe eu, meu ilustre colega: onde ficou, no caso em tela, a dignidade do médico?

Pois é para que isso não se repita indefinidamente, é para que o exorcista ou o curandeiro, em muitos casos, não continuem a sobrepujar o médico, é para isso, meu ilustre colega, que eu me propus estudar o problema das espiritopatias e enquadrá-las na patologia humana, a fim de que os médicos, espiritualizando-se, aprendam, paralelamente com a ciência médica, o segredo dos exorcistas e a arte dos curandeiros!

O colega, que me interrogou, não tugi nem mugiu. Apertou-me a mão e partiu meditando...

PREÂMBULO

Prestes a deixar de clinicar, para consagrarmos o resto da vida à defesa do Espiritismo, nenhum lucro material visamos com as idéias aqui difundidas, senão maior aproximação do Espiritismo com a Ciência e maior espiritualização da Medicina.

Médico pobre, sempre vivendo exclusivamente da clínica, constituída, na maioria, de pobres, nada amalhamos para descanso na velhice. E, quando poderíamos enriquecer, com a explosão de publicidade que nos deu a Televisão, principalmente com a cura pública de J. Silvestre, tivemos de optar, dada a escassez de tempo, entre enriquecer ou escrever, para a posteridade, ensinamentos que, durante muitos anos, iluminados Mestres do Mundo Espiritual nos deram pessoalmente ou por intermédio de nossa primeira esposa - Palmyra de Carvalho Ribas - a quem rendemos, nesta oportunidade, sincera homenagem de amor e gratidão. Não hesitamos. Preferimos continuar pobres e, para isso, fomos obrigados a fechar o Consultório em Niterói, para o qual, ultimamente, acorria verdadeira multidão, sem discutir preço.

A despeito da mensagem que publicamos em órgão de grande circulação nesta Capital, a maioria dos clientes, até hoje, insiste, apela, quase exige que não a abandonemos.

Todavia, esmagando o coração e sufocando a ambição, colocamos como sempre o fizemos, os interesses da Doutrina Espírita muito acima de nossos interesses pessoais. Por isso mesmo, embora sem aposentadoria, estamos dispostos a fechar, também, o Consultório da Guanabara, onde, apesar do grande número de pacientes, que, de todo o Brasil, máxime de São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul, apela, por cartas, no sentido de que os atendamos, estamos clinicando, apenas, uma vez por semana.

As públicas satisfações que aqui dou valem como justificação perante esses irmãos, que não pude atender como médico, mas aos quais não deixamos de ajudar com orações; e, ao mesmo passo, constituem prova de desinteresse material por conta das idéias nesta tese expendidas.

E já que rendemos uma homenagem à médium que nos converteu e que durante muitos anos foi excepcional aparelho de que dispusemos para a investigação no campo do Espiritismo, não podemos deixar de homenagear, outrossim, a atual esposa e companheira de Ideal - Antonieta Moraes Ribas - que está disposta a suportar minha pobreza, contanto que continue a lutar em favor do Espiritismo, sobretudo agora, no momento em que poderosos inimigos, dia a dia, se arregimentam para tentar destroçar o mais precioso patrimônio que o Mundo Espiritual, até hoje, legou à Humanidade - a Doutrina dos Espíritos.

E, de toda maneira, não poderíamos sufocar os impulsos do coração, deixando de prestar nossa homenagem de profunda veneração ao Mestre que teve a inaudita coragem de romper preconceitos acadêmicos, para equacionar a loucura sob novo prisma - Adolpho Bezerra de Menezes - luminar do Espiritismo brasileiro, cujas pegadas estamos tentando seguir.

Compreensível não seria, também, que, amigo e admirador seu, esquecesse, nesse momento, o maior escritor espírita contemporâneo - Carlos Imbassahy - merecidamente patrono deste Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas.

Niterói, 20 de março de 1972

R. Penna Ribas

AS ESPIRITOPATIAS À LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA.

Tese apresentada pelo Dr. Penna Ribas ao V Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas.

“Entre os ensinamentos que te são dados há alguns que deves guardar somente para ti, até nova ordem”.
(Allan Kardec “Livro dos Espíritos” - Edicel pág. 49)

A doutrina espírita é dinâmica e evolutiva. Ligada à Ciência por seus métodos de investigação, evolui paralelamente ao progresso dos conhecimentos, ratificando-se ou retificando-se à medida que novas descobertas confirmam ou negam a veracidade de seus postulados. Por outro lado, como filosofia religiosa, que é, amplia a faixa da revelação divina que nela se contém, mercê da incessante colaboração dos Espíritos e na proporção do merecimento moral da Humanidade. Por isso mesmo, verdades que, em 1857, ano da publicação da primeira edição do Livro dos Espíritos, não eram oportunas, atualmente, decorridos mais de cento e cinquenta anos de proselitismo, já podem e devem ser proclamadas em benefício da Humanidade sofredora.

Daí nossa modesta contribuição, fruto de longos anos de instrução espiritual e de constantes observações e pesquisas no complexo e proteiforme campo da fenomenologia mediúnica.

Não é, nem poderia ser, nota prévia de descobertas científicas, mas, apenas, prova de lealdade aos Espíritos superiores que orien-

tam a Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas (SEPE), os quais, liderados por Jesus, desejam ofertar aos sequiosos de paz e saúde, novos aspetos da Justiça de Deus, presentes no mecanismo das Espiritopatias.

Com isso, pretendem os Mestres da SEPE seja incrementado o mútuo amparo entre Espíritos sofredores, encarnados e desencarnados, com grande vantagem para ambas as partes. De fato, com aliviar os Espíritos desencarnados, torturados por cruciantes sensações inerentes à sintomatologia clínica do *morbus* causador do óbito, os terrícolas nada mais farão do que contribuir para a própria felicidade. Por motivo muito claro: os Espíritos dessa categoria circunvagam por toda parte e acarretam, com sua presença, na rua ou nos lares, sofrimentos físicos e morais, inclusive doenças rebeldes à terapêutica médica.

Contra a evidência dos fatos, Allan Kardec, em várias obras, afirmou, como parece lógico, que os Espíritos, não sentem, depois de desencarnados, qualquer sensação ligada à matéria, mas, tão somente, angústia e remorso [1]. Tudo diz, no entanto, que a assertiva tinha como finalidade não escandalizar, numa época em que o Positivismo estava no apogeu. Mas a verdade é que a imensa maioria das criaturas que, acossadas por enigmáticas doenças, recalcitrantes à medicação médica, recorrem ao Espiritismo, levam consigo Espíritos sofredores, acusando os mesmos sintomas da doença que os vitimou. É o que vulgarmente se denomina atuação espiritual ou “encosto” - “encosto” ou atuação espiritual que nada tem a ver com as crenças dos que lhes sofrem as conseqüências. Ora, a simples constatação do fato comprova que, não obstante desencarnado, o Espírito, consoante o nível de espiritualização em que se encontre, pode, com efeito, sentir, com tremenda realidade, sofrimentos físicos e que, além disso, pode transmitir as sensações mórbidas, que padece, à pessoa com qual se imantou.

Para maior objetividade do problema, apontaremos alguns exemplos de Espiritopatia espontânea.

a. ESPIRITOPATIAS ESPONTÂNEAS

Caso de P.C.R - A paciente viajava num coletivo, que estancou para dar passagem a um cortejo fúnebre. Caridosa, rezou em benefício do defunto. Incontinenti, sentiu indefinível mal estar, acompanhado de intensa queimadura corporal e violenta dor de garganta. Não pôde seguir viagem - desceu e entrou na primeira farmácia. Já escaldando em febre, pede um antitérmico. Mas, antes de receber os comprimidos, deitara-se ali mesmo num banco de madeira. Acordou com o médico da Assistência Pública a seu lado, insistindo em levá-la para o hospital. A princípio, obnubilada, resmungou, recusando socorro; depois, protestou contra a insistência do esculápio; por fim, ficou brava - ameaçou quebrar tudo. Apavorado, o farmacêutico intercedeu e, nesse ínterim, a paciente fugiu, cambaleante, e pôde retornar à casa, que não distava muito. Em lá chegando, meteu-se no quarto, dizendo-se muito doente. Mas proibiu que chamassem médico. E lá permaneceu três dias consecutivos, com grande infecção de garganta, febre altíssima, sem alimentar-se e recusando qualquer medicamento. Até que, providencialmente, chegou de visita um espírita. Foi entrando e pedindo lhe trouxessem a “doente”. A família discordou. Era impossível. A gravidade da infecção não permitia exposição ao vento. O espírita riu e insistiu, afirmando que iria curá-la imediatamente. Diante disso, trouxeram-na. Veio como sonâmbula. Mas, ao deparar-se com o espírita, tornou-se agressiva. O espírita não se perturbou: intimou o Espírito a largá-la. Zombeteiro, o Espírito gargalhou e desafiou. Mas foi constrangido a confessar por que estava “atuando” a médium. Odiava o defunto e havia contribuído para matá-lo com a mesma doença que o matou - infecção da garganta. Sedento de vingança acompanhava o féretro, aguardando oportunidade para atacar o recém-desencarnado, roubando-lhe o fluido vital que sobrasse. Por isso, ao perceber a radiação do pensamento de oração da paciente, largou o defunto para vingar-se dela. O resultado ali estava. Contudo, convidado ao arrependimento e conduzido compulsoriamente para um plano de correção, a paciente, imediatamente, saiu do transe totalmente curada. É de ver, pois, a rapidez

com que, lhe atacou a angina e a brevidade com que, afastado o Espírito agressor, se lhe restabeleceu a saúde.

Feitas as pesquisas, localizou-se a residência do morto e confirmou-se a *causa mortis*. [Ver nota explicativa 2]

Caso de A.M.R. - A médium, minha esposa, aguardava-me, na sala de espera do Consultório. O menino acabara de entrar, levado pela mãe. Motivo: havia três dias ninguém tinha sossego no lar - dia e noite a criança chorava e gritava de dor. Principiava na região sacrolombar e descia em direção aos órgãos pudendos. Os médicos não chegaram a uma conclusão. A maioria pensou em litíase renal. Mas os exames foram negativos. Mas nenhum medicamento aliviava. Desesperada, a família resolveu tentar a Homeopatia. Optaram por nós. Momentos após a resolução, o menino acalmou-se e, sem dor, chegou ao Consultório. Para o menino, prescrevi um calmante; e, para a mãe, oração em favor dos Espíritos sofredores, principalmente para os parentes próximos. Momentos depois que ambos partiram, ao abrir a porta de comunicação com a sala de espera, a médium, minha atual esposa, que tudo ignorava do caso do menino, estava contorcendo-se, sem posição na cadeira, gemendo e chorando com terrível dor, que, partindo da região sacrolombar, irradiava-se para o útero e bexiga. Fi-la entrar imediatamente na sala de consultas e concitei-a a ter elevação espiritual, pois já lhe havia sentido a vibração espiritual. No mesmo instante, mentalmente, solicitei aos Protetores que nos assistem fizessem o Espírito sofredor adaptar-se melhor ao aparelho. Segundos após, estávamos dialogando com o Espírito da avó do menino, desencarnada de câncer uterino. Socorrido o Espírito, nunca mais a criança teve coisa alguma.

Caso R.R. - A moça, noiva, adoeceu sem causa aparente. Tosse, dor no tórax, febre diária. Radiografia. Exame de escarro. Tuberculose pulmonar. Três meses de tratamento com conceituado especialista. Nenhuma melhora. Ao contrário: apareceu-lhe uma caverna no pulmão direito. Desvairada, a família apelou para nós. Impossível tratá-la. Doença contagiosa, para a qual a Alopátia possui maiores recursos terapêuticos, não seria lícito, nem honesto. De resto contra a ética. Aconselhamo-la permanecer com o tisiologis-

ta. A família argumentou que o próprio especialista confessara que, inexplicavelmente, a paciente não obtivera o mínimo benefício com o intensivo tratamento que lhe vinha fazendo. Permanecemos irredutíveis. A única concessão foi deixá-la assistir às sessões da SEPE, em local isolado, com todas as precauções. Isso, em virtude de tratar-se de antigos clientes. Na primeira sessão, inesperadamente, uma das médiuns transformou-se em autêntica tuberculosa: não apresentou apenas tosse e dor torácica - ficou com febre! O Espírito, chamado às falas, confessou-se antigo boêmio, desencarnado jovem, por causa das farras. E quando lhe advertimos que não poderia continuar com a paciente, replicou-nos, em tom desafiante, que estava apaixonado e, por isso, não se afastaria nem a deixaria casar-se. Dissemo-lhe que estava equivocado, porque, daquele momento em diante, a moça ficaria sob a proteção da SEPE e ele seria levado, compulsoriamente, para um plano de doutrinação, onde encontraria o caminho da evolução, e, conseqüentemente, a felicidade. Enquanto orientávamos, o Espírito, sofrendo, ainda a sintomatologia da tuberculose, notamos a melhora da paciente, que deixara de tossir. Todavia, colocada distante da mesa de reunião, ela nada ouvira a respeito de seu caso. Mas, ao terminar a reunião, veio espontaneamente ao nosso encontro, para agradecer a melhora que sentira durante a sessão. Por mera curiosidade, perguntei-lhe pelo noivado. Ia mal, com brigas constantes. Contudo, as surpresas viriam ao depois. Esses fatos se desenrolaram na sessão de sábado. Segunda-feira, ao ser submetida a novo exame, o tisiologista mostrou-se admirado com a espetacular melhora da paciente. Entretanto, não sabia a que atribuí-la, pois não mudara a medicação, que, embora considerada altamente eficiente, no caso, não havia atuado. Maior surpresa, ainda, no sábado seguinte. Minha filha, desencarnada aos quinze anos, era médium curador. Com dez anos, salvou a avó, já em coma, dando-lhe um passe. A cura foi instantânea. Agora, condoída da moça, espontaneamente, quis colaborar. Incorporada numa jovem médium, deu passes na parede torácica posterior. E depois, confidencialmente, disse-nos com aquele encanto todo seu: “Pai, a moça está curada; foi presente para meu

paizinho. Mande fazer novos exames”. Segunda-feira, quarenta e oito horas depois do “passe”, a radiografia acusou cura completa, perfeita, com desaparecimento das lesões, sem sinal de cicatriza-ção, como se nunca houvesse tido caverna. Os documentos estão arquivados na SEPE. E os noivos ? Os noivos, com o afastamento do Espírito tuberculoso e apaixonado, deixaram de brigar. E agora, casados e felizes, estão fabricando corpos a serviço de Espíritos candidatos a reencarnação...

Caso H.L. - Enfermeira, convivendo em afamado hospital, com sumidades médicas. Dores constantes na região precordial. Nenhuma melhora a despeito da assistência de notáveis especialistas. Diagnóstico: coronarite crônica, com isquemia do miocárdio. Desiludida, apelou para a Homeopatia. Nada lhe prometemos. De resto, prevenímo-la da incompatibilidade entre as dinamizações homeopáticas e as drogas que tomava. Concordou em ficar, apenas, com a Homeopatia. Por isso, fizemos a prescrição. E, contra nossos interesses profissionais, aconselhamo-la a freqüentar as sessões doutrinárias da SEPE. Foi; e deu-se tão bem que, como esperávamos, não voltou ao Consultório. Com ela, havia um companheiro invisível, desencarnado de infarte do miocárdio. Mas, de propósito, para evitar sugestão, nada lhe dissemos. Ao fim de algum tempo, o Espírito concordou em afastar-se. Mas tudo se passou sem que a paciente o soubesse. Nessa altura, pedimos-lhe novos exames. Ficou perplexa - cura total. E, por fim, só tomava um remédio: água “irradiada” pelos Espíritos Curadores.

Caso do Dr. J. B. - Médico, formado há mais de vinte anos. Nunca clinicou. Mal saiu da Faculdade, desequilibrou-se mentalmente. Internado várias vezes. Insulinoterapia. Electrochoque. Melhoras espaçadas e efêmeras. Ultimamente, vivia segregado num sótão. Mas viu, pela televisão, a cura que fizemos no J. Silvestre, vítima de inesperado choque medicamentoso. Ficou impressionado e animou-se a procurar-nos. Fomos francos. Caso cármico. Crime no passado, em anterior encarnação. Resgate nessa, pela vingança da vítima de outrora. Ninguém burla a Justiça Divina. Todos pagarão até o último ceitil. Todavia, se freqüentasse o Espiritismo,

onde o Espírito vingador poderia encontrar estímulo para perdoar e evoluir, não seria impossível a cura. E encontrou, porque a esquizofrenia, no seu caso, era Espiritopatia obsessiva. Os comprovantes da cura estão nos arquivos da SEPE.

b. CONCEITUAÇÃO DE ESPIRITOPATIA

Com os casos apresentados, já podemos conceituar, embora sem definí-la cientificamente, o que denominamos Espiritopatia.

Espiritopatia é todo estado mórbido provocado no organismo humano pela atuação de Espíritos sofredores ou obsessores.

Na primeira hipótese, a Espiritopatia manifesta-se com os quadros clínicos das doenças somáticas, agravados com sintomas esdrúxulos e marcados pela rebeldia ao tratamento médico.

Na segunda hipótese, a Espiritopatia toma feição de quadro psiquiátrico. Na Espiritopatia clínica, o Espírito sofredor contamina o perispírito ou corpo espiritual da vítima com radiações mórbidas e morbígenas que conserva, por provação purgativa, em seu corpo espiritual.

Na Espiritopatia psiquiátrica, o Espírito obsessivo, por maldade ou vingança, atua por força mental sobre o psiquismo da vítima, modificando-lhe o comportamento. Provocada que seja a doença por Espírito sofredor ou obsessivo, a Espiritopatia tanto poderá ser causa eficiente como causa adjuvante. No primeiro caso, a doença é totalmente de origem espiritual. No segundo caso, o fator espiritual é, apenas, agravante de um estado mórbido já declarado.

Como se infere, a concepção de Espiritopatia não nega nada daquilo que está cientificamente comprovado; apenas rompe preconceitos para mostrar à Ciência novo campo de investigações, riquíssimo em conseqüências para a Medicina e para a Religião - campo de investigações esse que, no futuro, será a maior contribuição do Espiritismo para a felicidade da humanidade.

c. O CORPO ESPIRITUAL NA PATOLOGIA MÉDICA

Campo de forças vitais, detentor do segredo da vida, o perispírito está ligado, átomo a átomo, a todo organismo, com prevalência sobre o sistema nervoso, máxime sobre a córtex cerebral, centro de comando de todas as funções orgânicas. Compreensível se

torna, pois, que, alterado o corpo espiritual, alterado será, fatalmente, o sistema nervoso e, por conseqüência, o organismo todo inteiro. Como é óbvio, todas as doenças, conforme previra o gênio de Samuel Hahnemann, inicia-se por um desequilíbrio dinâmico da força vital [2]. Vale dizer que todos os estados mórbidos partem de prévio distúrbio no estado vibratório do perispírito ou, noutros termos, a doença do corpo espiritual precede a doença do corpo carnal. E como as alterações vibratórias do perispírito acarretam, no mínimo, modificações dos estados d'alma, isto é, no psiquismo, é de ver que, tal como já afirmara em 1810, o inspirado fundador da Homeopatia, todas as doenças são, originalmente, psicogênicas.

Como se infere, não há tanta incompatibilidade entre a teoria da Espiritopatia, por nós proclamada, e as mais modernas concepções no campo da Medicina psicossomática, sobretudo se a interpretação for no sentido hipocrático, ao invés de freudiano.

Na verdade, a hegemonia aqui dada ao perispírito na fisiologia e na patofisiologia não pode escandalizar quando se sabe, de ciência certa, que o corpo espiritual não se limita a manter a vida, porque sustem, outrossim, a arquitetura celular, a ponto de permitir a desmaterialização do organismo, com consecutiva rematerialização e reintegração total não só das funções psicossomáticas, mas, também, dos traços de personalidade típicos do médium que passou por tão espetacular processo desafiador da biologia humana [3] [4]. Não tardará, pois, o glorioso dia em que a Ciência materialista, estribada no progresso tecnológico, detectará as misteriosas energias do corpo espiritual ou corpo bioplasmático, onde, par a par com energias fotônicas, elétricas e magnéticas, atuam energias “não físicas” que independem de tempo, de espaço e de massa, tal como ocorre nos fenômenos mediúnicos, incluídos, pelos adversários do Espiritismo, nas siglas psi-gama, psi-kapa [5].

A despeito das facécias dos teólogos, que reduziram o Espírito ao quase nada do “ponto geométrico”; e não obstante a prosápia dos adeptos do monismo científico que, a *priori*, eliminaram de suas elucubrações o Espírito imortal, Allan Kardec afirmou que o

perispírito era semimaterial. A assertiva que aos íncios em matéria de Espiritismo se lhes afigurou chocante heresia científica, está mais que evidente na fenomenologia mediúnica. Mais ainda - matematicamente, o problema está equacionado, por um brasileiro de grande valor [6]. Sem embargo, como toda a patologia das Espiritopatias está adstrita à dinâmica do perispírito, necessário se torna não só provar a existência como a complexidade do corpo espiritual - denominação por nós preferida, não por mera simpatia ao Apóstolo [7], mas porque dá idéia mais perfeita de um campo de força estruturado consoante a morfologia corporal.

d. DA EXISTÊNCIA DO CORPO ESPIRITUAL

A realidade do corpo espiritual pode demonstrar-se seja com fatos espontâneos, seja experimentalmente, mediante exteriorização do “duplo”. Mais do que palavras, valem os fatos. Vamos, pois, aos fatos:

1. Caso Emília Sagée

Professora francesa, lecionando em internato de moças ricas e sadias. Durante um ano, apresentou, com testemunho de muitas alunas, exteriorização do “duplo”. Quando uma aluna a via num local, outras, no mesmo instante, viam-na noutra. Essa, a verdadeira bilocação. Além disso, dando aulas, a escrever no quadro negro, o “duplo” projetava-se-lhe fora do corpo e ficava ao lado da professora, imitando-lhe os gestos. No refeitório, o “duplo” permanecia de pé, atrás do corpo físico, com gesticulação automática e sincrônica.

Duma feita, reunidas quarenta e três internadas na sala de costura, Sagée, no jardim, cuidando de flores, desdobrou-se e o “duplo”, materializado, veio sentar-se junto às meninas, duas das quais, mais afoitas, tocaram-lhe e sentiram-no com consistência de musselina.

Por outro lado, refletindo-se no espelho, o “fantasma” da professora não deixava dúvida de que estava materializado.

2. Caso Stainton Moses

Ex-pastor protestante, convertido ao Espiritismo em memorável polêmica teológica, com os seus Instrutores espirituais, mercê de sua psicografia. Por experiência, tentou exteriorizar-se com seu corpo espiritual e visitar um amigo com o qual discutia muitos temas religiosos. Fez duas “viagens astrais” à casa do amigo. Mas, ao acordar, tal qual ocorre na hipnose, de nada se lembrava. Sem embargo, deu ao amigo uma prova espetacular, porque, com toda a aparência física, inclusive na indumentária, que era a costureira, e não a de dormir, que vestia naquele momento, em profundo sono, Stainton Moses sustentou diálogo, como se, de fato, lá se encontrasse em “carne e osso”.

3. Caso Reverendo Benning

Para justificar-se de falta involuntária, Benning desejou ardentemente fazer-se visto no círculo espiritual a que pertencia. E foi. Foi, aliás, materializado. Ao chegar, deu, na porta de entrada, as pancadas convencionais. O porteiro desceu a escada e, ao abrir a porta, deparou-se com Benning, hesitante e resmungando desculpas. Depois de admoestá-lo, passou-lhe o braço pelas costas e fê-lo avisar-se, porquanto todos o aguardavam ansiosamente. Impacientes, dois outros companheiros desceram a escada ao encontro do retardatário. Um deles exprobase o comportamento e, segurando-lhe pelo braço, insistiu que se apressasse. Foi quando aconteceu o inverossímil. O fantasma, revelando-se “fantasma”, escapou-se-lhe das mãos e desceu, aos pulos, os degraus da escada; e, com a porta já fechada à chave, atravessou-a rapidamente, provocando, em seguida, tremendo ruído, como se com estúpida brutalidade a houvesse batido!

Como se infere, a energia liberada na desmaterialização do “duplo” foi mais que suficiente para provocar, com a vibração da madeira, o inesperado estrondo. *Mutatis mutandis*, é o que ocorre nas casas mal-assombradas, cuja fenomenologia é, toda ela, produzida por Espíritos faltosos com a Terra, porque, encarnados como médiuns “de efeitos físicos”, não se quitaram perante a espiritualidade, fugindo à prática da mediunidade. Por isso mesmo, além de

martirizante remorso pelas oportunidades perdidas, ainda sofrem, em conseqüência das radiações materiais, retidas em seu corpo espiritual por falta de utilização na vida terrena, todas as sensações da vida carnal, inclusive as que estavam participando da sintomatologia da doença responsável pelo óbito. Daí a intercalação, no espalhafatoso toribismo polifônico dos locais mal-assombrados, de gritos lancinantes e de cruciantes gemidos de dor!

Contudo, para que se não imagine que a exteriorização do “duplo” ou fantasma é questão de ilusão ótica ou de alucinação, como supõe Tyrrel [11], bom é que se saiba até que nível se dá a materialização. Para não nos alongarmos, dois exemplos: tal como tem ocorrido com muitos médiuns de materialização, injustamente acusados, Eusápia, cercada de professores universitários, e por eles instigada, pôde, mediante a exteriorização de seu corpo espiritual, plasmar, na argila mole, sem contato de seu corpo físico, o modelo de sua cabeça [12] e, doutra vez, ainda controlada por sumidades, modelou, por intermédio do seu “duplo”, as mãos em garra, também na argila, mantida à distância [13].

Finalmente, a materialização do corpo espiritual da médium Fay. Ligada a um circuito elétrico estabelecido por Varley e Crookes e, assim controlada, nos mínimos movimentos, materializou-se-lhe o duplo, ao invés do fantasma esperado [14].

Contudo, até aqui, vimos o corpo espiritual “por fora”. Vê-lo-emos, agora, “por dentro”, não mais com aparência de “casca” astral, mas recheado de conteúdo psicológico. Para isso, valer-nos-emos de dois diferentes padrões de pacientes - os médiuns infensos ao Espiritismo e os médiuns praticantes do Espiritismo. Res-salvamos, porém, desde já que: seja sob ação do sonambulismo magnético, seja sob a influência da hipnose, seja na relaxação do treinamento autógeno, seja, enfim, sob a influência de drogas psicotomiméticas, as vivências dependerão não só da sensibilidade mediúnica, como dos padrões de mediunidade.

O colega, por exemplo, que se submeteu a experiências lisérgicas com sábio Professor de Psicologia Clínica, não se nos afigura espírita. Se o fosse, não poderia ignorar a valiosa mediunidade que

possui. Dotado como é, sem hipnose, sem sugestão, sem alucinógenos, somente com apelo a seus Guias Espirituais, o colega poderia ter-se “projetado” com maior facilidade e, na Maternidade, ver o que se passava com a parturiente. De toda maneira, quem lá esteve não foi somente o “duplo” do médico vazio de Espírito, porque estiveram presentes todos os sentidos, para as observações; e também a razão crítica, para analisar e ponderar. Conseqüentemente, a inteligência e a memória lá não poderiam ter deixado de estar. De fato, ele viu a sala, acompanhou o parto, observou o feto, seu comprimento, seu peso, seu sexo... Logo, o *alter ego* que se “projetou” não foi apenasmente o “duplo” do corpo espiritual - foi sua personalidade toda inteira, com *id*, *ego* e *superego* e mais coisas que Freud não viu [15].

E, agora, para completar as observações, a exteriorização do corpo espiritual em médium espírita e praticante.

Como veremos, os fenômenos são muito mais completos e, sem comparação, muitíssimo mais perfeitos.

Para exemplificar, escolhemos nossa primeira esposa. Médium valiosíssimo e abnegadíssima companheira de ideal, proporcionou-me, durante cerca de trinta anos, provas espetaculares, servindo de instrumento à verdadeira coorte de Espíritos, nos mais díspares níveis de cultura intelectual e de evolução espiritual. Dentre os maravilhosos dons mediúnicos que possuía, destacamos o da “projeção do corpo espiritual”, com libertação quase total do corpo material, o qual permanecia em morte aparente, enquanto o Espírito, enriquecido com ampliação dos sentidos, transportava-se a quaisquer distâncias, em cumprimento de tarefas e missões. Coligidas, só as observações feitas em torno dessa médium formariam grosso volume. Por isso e para sermos objetivos e sintéticos, daremos apenas dois entre centenas de exemplos que poderia citar.

Em primeiro, uma projeção voluntária. Nosso peixeiro, em Botafogo, era sírio e, porque agradava muito nosso pequerrucho, mereceu nossa simpatia. Certa manhã, quando nos foi oferecer o pescado, mostrou-se sobremodo sorumbático e taciturno. Curiosa, minha esposa indagou-lhe do motivo da melancolia. Depois de uma crise de choro, o peixeiro explicou que estava muito apreensi-

vo e imaginando a morte de sua velha mãe, pela qual sentia profundo amor. Sensibilizada com os sentimentos filiais do ambulante, minha esposa prometeu-lhe que, no dia seguinte, dar-lhe-ia notícias da mãe. O peixeiro, olhos arregalados, espantadíssimo, pergunta-lhe: “Como pode, senhora? Minha mãe mora em Beirute”...“Aguarde até amanhã”... Dito e feito. No dia seguinte, em minha presença, repete o que à noite, após profundo sono, me relatou. Primeiro, as peripécias para localizar a casa, de estranha arquitetura, janelas avarandadas, roupas espanejando em varais improvisados. Depois, a entrada, na residência hermeticamente fechada, feita pelo telhado, com cheiro de mofo e contato de teias de aranha. Horrorizada, desce uma escada em caracol e vê-se numa saleta impregnada com fumaça de tabaco, onde quatro homens, sentados à volta de pequena mesa redonda, fumam num só cachimbo de longo cabo. Descreve o ambiente. Sórdido. Estava sufocada. E enojada, com o cachimbo a passar de boca em boca. O peixeiro cada vez mais abismado, justifica o “costume da terra”, à medida que, pela descrição dos tipos, vai reconhecendo - seu pai, seu avô, seus irmãos. Sentindo-se asfixiada naquele local, sobe novamente a escada vê-se, sem saber como, em pequeno quarto, no sótão, prisão de uma louca. Ao lado, o Espírito obsessor, pavoroso, mas não a viu. Tal qual acontece no Além, onde Espíritos mais perfeitos controlam, até certo ponto, a visão dos inferiores... O peixeiro chora. Era sua irmã... Mas a narrativa continua. Fugindo do cárcere privado, o Espírito da médium deparou-se, no quarto ao lado, com encarquilhada anciã, em profundo sono. Ao lado, velando pelo corpo, o “duplo” da velha. Dessa forma, foi fácil o diálogo. A velha, ou, melhor, o “duplo” da velha, lamentou seus sofrimentos com o filho distante no Brasil e a filha louca, escondida, para evitar denúncia dos vizinhos. Interrogada, porém, por que não dava notícias ao filho peixeiro, a velha afirmou que já lhe escrevera e que brevemente a carta enviada de navio molengo chegaria ao destinatário. Dias após, o peixeiro recebeu a carta com as mesmas palavras que lhe foram ditas pela médium.

Agora, uma experiência que fiz muitas vezes a serviço da caridade, salvando inclusive doentes desenganados à grande distância, somente pelas precisas informações dadas pela médium, depois de deliberada “viagem astral”. Certa tarde, apareceu em nossa casa uma vizinha que mal cumprimentávamos. Fingindo-se aflita, disse-nos que sabia dos “prodígios” que minha esposa realizava “com seus Protetores”. A mãe, tuberculosa, já em caquexia, estava nas vascas da morte, em Belém do Pará. Receando que já estivesse morta, desejava que minha esposa fosse visitá-la. Era uma caridade... e postou-se com ar de inocente. Apesar da suspeição que me causou, disse à minha mulher que não recusasse a caridade. Fi-la concentrar-se e partir imediatamente. Sentada à mesa, momentos depois, com total atonia muscular, seu tronco caiu sobre o móvel, como se fulminada houvesse sido. Como sempre, nessas ocasiões, controlava-lhe o pulso e a respiração. Respiração quase nula. Pulso impalpável. Mais do que coma - *cárus*. Cerca de dez minutos após, o Espírito retorna. Tudo mentira. A tuberculosa não era tuberculosa - era cancerosa. E não morava propriamente em Belém, mas nas proximidades de Belém. Todavia, a missão fora cumprida com minuciosa descrição da casa e do ambiente interno. Criticando, pois, a farsa da pedinte, recriminou-lhe o abandono em que deixou a progenitora e lamentou o fedor que encontrou no quarto... Tomada de uma crise de choro convulsivo, a farsante rojou-se aos pés da médium, pedindo-lhe perdão por haver duvidado que ela “se transportava”.

Depois disso, quem negar a existência do corpo espiritual é porque prefere certificar-se do fato depois que morrer - o que pode ocorrer, aliás, de um momento para outro...

Durante trinta anos de íntima convivência conjugal, pudemos constatar, centenas de vezes, que o Espírito da médium, ao regressar das “viagens astrais”, fazia referências às sensações que sentira. Ligadas não só à visão e à audição, mas, também, ao tato e ao olfato, tais sensações, sentidas enquanto o corpo se encontrava em profundo transe, mais do que em coma, em *cárus*, só poderiam provir do corpo espiritual, que sempre acompanha o Espírito, es-

teja ele encarnado ou desencarnado. Admitida a hipótese, possuindo o corpo espiritual radiações vitais específicas dos órgãos dos sentidos e da área somestésica da córtex cerebral, compreensíveis se tornam não só a “visão espiritual” e a “audição espiritual”, ambas tidas como ilusão ou alucinação, como, também, a “transposição dos sentidos”. Com efeito, se o corpo espiritual possui radiações com funções correspondentes às do *sensorium* e às das estruturas nervosas adequadas às diversas formas de sensibilidade, é evidente que não só se poderá ver e ouvir de olhos e ouvidos tapados, como, transpostas as radiações perispirituais específicas de determinada sensação, transportada estará, *ipso facto*, a sensação de uma estrutura adequada para outra inadequada. Exemplo: transportada a radiação do corpo espiritual específica da visão, do globo ocular para o pé, não só haverá inibição do “analisador” adequado, como surgirá, no pé, uma espécie de visão artificial. Nesta hipótese, cego da retina, vidente estará pelo pé. Isso é, pelo menos, lógico. Lógico, no entanto, não é explicar a “visão para-ótica” e a “transposição dos sentidos” como apanágio de histéricas, dotadas de hiperestesia fictícia. Nem considerar, *a priori*, tudo como simples sugestão negativa [16]. Não é isso, pelo menos, que se infere da análise imparcial das pacientes de Petetin [17] e de Lombroso [18], para citar apenas dois. Ao contrário, o que se vê, quando se tem olhos de ver, é que essas moças eram médiuns desequilibradas, por falta de conhecimentos espíritas, utilizadas, por médicos e cientistas falecidos, na esperança de alertar colegas terrenos, destruindo aparentemente conhecidas leis fisiológicas.

Ao invés disso, os médicos terrenos taparam olhos e ouvidos ao fato, que lhes humilhava a sabedoria, e, em compensação, fulminaram a personalidade das pacientes com o apodo de - histéricas [19]!

Sem embargo, experiências pioneiras de De Rochas demonstraram que a sensibilidade, que parecia privilégio de estruturas nervosas específicas, pode não só exteriorizar-se, em camadas correspondentes às camadas do perispírito, como impregnar corpos materiais, tais como a água, o que justifica a “água irradiada” ou “magnetizada” e a cera, o que esclarece a mecânica da magia, na “múmia” de cera [20].

Nas pesquisas da SEPE, a sensibilidade de uma médium foi transportada para outra, apesar das precauções contra a sugestão. E mais - a sensação surgia, cronometrada pelos Protetores; e, outras vezes, condicionada a segundo estímulo. Exemplo: espetada a médium, a outra nada sentia; queimada, em seguida, a outra sentia não a queimadura, mas a espetada anteriormente dada. Isso prova que sensações transmitidas normalmente, com exclusividade, por determinados neurônios, transmitem-se, em certos casos, de perispírito a perispírito. E isso é fundamental à compreensão do mecanismo da Espiritopatia, onde o corpo espiritual representa maior papel do que o corpo carnal. Tanto assim que Espíritos desencarnados costumam queixar-se das mesmas sensações da doença que lhes causara o óbito. Isso se deve, aliás, ao fato de, no momento da morte, por falta de merecimento, não haverem os Espíritos socorristas, que o assistiram, retirado do corpo espiritual as radiações mórbidas correspondentes à somestesia. Nessa hipótese, doente neste mundo, doente permanecerá no “outro mundo”, até que mereça a retirada de seu corpo espiritual dos fluidos vitais ligados à vida material.

e. DAS RADIAÇÕES DO CORPO ESPIRITUAL

Ao contrário do que geralmente se imagina, o perispírito ou corpo espiritual é composto de inúmeras radiações. Algumas são materiais: magnéticas e elétricas, ou, melhor, eletromagnéticas. Essas pertencem aos médiuns de efeitos físicos. Exemplo: Slade e, antes de Slade, a médium de Von Reichenbach, Sra. Ruf, “endoidavam” bússolas [21]. Eusápia, para só citar uma das maiores médiuns, podia descarregar, como descarregou várias vezes, o eletroscópio [22]. Magnetismo e eletricidade aí estão provados - e oriundos do corpo espiritual, porquanto somente os médiuns de efeitos físicos os possuem dessa maneira.

Nada obstante, o corpo espiritual possui outros padrões de radiações, umas “não físicas”, como demonstrou matematicamente Rhine, outras mais “materiais”, como a radiação do verdadeiro hipnotizador. Contra a hipótese desta radiação, ergueu-se a escola de Nancy, apelando para a hipótese de sugestão [23], hoje, mais do que outrora, vitoriosa com o advento da hipnose médica.

Sem embargo, a radiação do hipnotizador, verdadeiramente dotado, poderá prestar inestimáveis serviços à Psicologia, salvando-a inclusive de erros cometidos por Freud, exatamente pelo fato de não possuir a radiação de hipnotizador.

Aliás, no campo da Medicina, encontramos dois exemplos notáveis - Mesmer e Esdaile - porque ambos possuíam, associadas, duas radiações que nem sempre se misturam - a do hipnotismo e a da cura paranormal. Radiação de hipnotizador possuía Esdaile em tão alto nível que, sem sugestão e sem ser visto, hipnotizou quase instantaneamente um jovem, irradiando-o por costa; e doutra vez, sem ser pressentido, hipnotizou, sem palavra, um presidiário cego [24]. Radiação de médium curador também possuía Esdaile, porque operando, sem prévia preparação psicológica e em ambiente sórdido, realizou proezas que, até hoje, nenhum médico pôde imitar - mais de trezentas intervenções cirúrgicas sem assepsia. Radiação de hipnotizador possuiu, outrossim, e em grande quantidade, Mesmer, que, sozinho, dominava verdadeira multidão de enfermos [25]. Mas radiação de médium curador também possuiu o criador do magnetismo animal. A prova nê-la dá é o insuspeitíssimo Volgyesi, referindo-se ao seguinte episódio: - jovem e desconhecido, Mesmer aproximou-se de um lenhador a esvaír-se em sangue, com a perna esmagada por um tronco de árvore. Surpreso, observou que a tremenda hemorragia cessou como que por encanto, voltando, porém, toda vez que ele se afastava do acidentado, até que resolveu “impor as mãos” sobre o ferimento - hemóstase definitiva! [26].

Aliás, o próprio Braid, precursor do antilfluidismo no campo do hipnotismo, acabou reconhecendo direitos de cidade ao magnetismo [27].

Sem embargo, melhor prova da existência do “fluido”, que preferimos denominar radiação, não poderia haver do que o próprio relator da cura do lenhador. Hipnólogo mundialmente afamado, discípulo de Pavlov, Volgyesi, a despeito de tanto tentar ridicularizar o “fluido” de hipnotizador, hipnotizava feras com o “olhar penetrante” e, nos gorilas, até “impôs as mãos”, como se vê nas

fotografias de seu Tratado [28]. Diga-se que, antes dele, Lafontaine, pelo simples olhar, hipnotizou o leão do zoológico, a ponto de poder colocar a mão dentro da boca da fera [29]!

Mais vantagem fazem, porém, os verdadeiros “iniciados” indus, cuja força hipnótica domina totalmente feras soltas nas selvas. Jaccoliot viu, perplexo, um eremita sair de seu tugúrio e entrar, na cidade, cercado de perigosíssimas feras, todas seguindo-o docilmente. E foi assim, com essa força hipnótica, que o “iniciado” acabou com as rixas entre brâmanes e muçulmanos. De regresso, porém, ao eremitério, mal atingiu a borda da mata, o anacoreta bateu palmas e (Jaccoliot viu) as feras, com apavorantes uivos e berros, desembestaram mata a dentro [30]. Eram feras mesmo, tremendamente carnívoras.

Não é crível que, diante de tais fatos, ainda se negue o que todo mundo sabe - que o hipnotismo compulsório depende, de fato, de uma radiação do hipnotizador.

f. DAS ESPIRITOPATIAS EXPERIMENTAIS

Para demonstração de como Espíritos obsessores, por força do pensamento, podem atuar, invisivelmente, por telepatia, seja em vigília, seja principalmente durante o sono, condicionando, por pós-hipnose, comportamentos anormais, os Mestres da SEPE, dentre os quais se destacam diversos “iniciados” indus, provocaram, durante sete anos de ininterruptas pesquisas, autênticas psicoses experimentais, não só nos médiuns, como em visitantes céticos. O interessante foi que, nas experiências, não havia hipnotizador visível; e quando, porventura, um “iogui” desejava provocar a hipnose telepática controlando um aparelho mediúnico, que tanto podia ser minha esposa como outra qualquer médium, nunca pronunciava palavra - permanecia mudo e, de propósito, nem olhava para o médium que pretendia dominar. De resto, a médium, sob a ação da radiação hipnótica, continuava lúcida, com autocrítica e lutando consigo mesmo para não realizar a ação telepaticamente comandada. Centenas de vezes repetidas as experiências, podemos afirmar que grande porcentagem dos casos psiquiátricos são Espiritopatias, obsessivas ou não, mas de toda forma Espiritopatias, razão por que o Espiritismo, associado à Medicina pode realizar, nesses casos, curas assombrosas.

Por outro lado, com maior frequência ainda, nas experiências da SEPE os Protetores, aproveitando a presença de visitantes “mal acompanhados”, isto é, com “encosto” de Espíritos sofredores, aproveitavam a oportunidade para provocarem Espiritopatias com tais Espíritos.

Era o útil ao agradável. Amparavam o Espírito desencarnado, e, com isso, curavam a vítima da “atuação”, para que ela aprendesse a valorizar o Espiritismo.

Dentre os beneficiados, há vários jornalistas que não foram à SEPE com boas intenções...

Isso serviu para que, com a identificação dos Espíritos que os acompanhavam, pudessem eles compreender que a “dupla personalidade”, contrariamente à opinião de Azam, desorientado diante de um caso de possessão, não provém da divisão e sim da substituição de personalidades [31]. De fato, no caso de Félica, o que houve foi substituição da personalidade da médium pela personalidade de um Espírito desencarnado, exatamente como está ocorrendo, no caso Jasbir, no qual a possessão foi interpretada como reencarnação [32].

Dois processos foram empregados nas experiências: ou eram utilizados Espíritos sofredores ou Espíritos cientistas, com equipe de ioguis. Controlando núcleos da base ou o “mosaico cortical”, provocaram os quadros clínicos que desejavam. A diferença era que, na Espiritopatia com incorporação, o médium ficava obnubilado, ao passo que, na Espiritopatia por controle cerebral, o médium conservava total lucidez e perfeita autocrítica. Por outro lado, em todos os casos de incorporação, após o afastamento do Espírito sofredor, os Protetores que dirigiam as experiências deixavam permanecer, no perispírito do médium, para minha observação médica, as radiações mórbidas, retidas, por falta de merecimento, no corpo espiritual do sofredor. Experiências interessantíssimas, porque, quando isso acontecia, o médium, assustado, supunha que havia adoecido repentinamente. O motivo é simples: com a presença do Espírito, o médium tem consciência de que sofre momentaneamente para aliviar um irmão desencarnado; mas,

na Espiritopatia por retenção experimental de radiações mórbidas e, por conseguinte, de sensações de doenças de verdade, o médium, sentindo-se sem controle espiritual, atribui tudo à intempes-tiva enfermidade.

Como o problema será equacionado em livro que estamos escrevendo, não nos alongaremos mais, esperando, não obstante, não haver deixado dúvidas quanto à realidade das Espiritopatias.

Aliás, no começo deste século, notável médico-filósofo, lumina-r do Espiritismo em nossa Pátria, Adolpho Bezerra de Menezes, a quem rendo preito de profunda veneração, já havia tido o desas-sombro de proclamar alto e bom som que, na maioria das vezes, a loucura é obsessão de origem espiritual [33]. E Carlos Imbassahy, sem dúvida um dos mais brilhantes escritores espíritas, justamente escolhido como patrono deste Congresso, apontou, numa de suas últimas obras, o interesse científico do problema das perseguições espirituais [34].

g. O PROBLEMA MORAL DAS ESPIRITOPATIAS

Do exposto, deve-se concluir que o ponto nevrálgico das Espi-ritopatias é um problema moral. Com efeito, o Espírito desencarna-do só continuará a sofrer “fisicamente” se, no processo da desencarnação, os Espíritos socorristas que o assistirem não retirar-em de seu corpo espiritual as radiações do sistema nervoso, exatamente aquelas que, por incrível que pareça, dar-lhe-ão, no Mundo Espiritual, a sensação de toda a sintomatologia clínica da doença que o matou. Isso depende de seu merecimento; e quem o julga é o seu Mentor, “dono de seu destino”, na última encarnação. O que acontece, via de regra, em tais casos, é que o Espírito não respeitou seu próprio corpo abusando dos prazeres em detrimento do equilíbrio emocional. Faltoso consigo mesmo, responde perante a espiritualidade, cujas leis são imprescritíveis. E, no que tange à vítima da Espiritopatia, é, quase sempre, médium rebelde ao cumprimento dos deveres espirituais. Sofre, na carne, o padeci-mento do Espírito, com estímulo à caridade com os “mortos” e chamamento à prática da mediunidade, cuja negligência acarreta, no Além, torturante remorso. Ao mesmo passo, leva-o à doutrina espírita, onde encontrará conforto moral e iluminação espiritual que somente o Espiritismo pode dar.

Às vezes, a Espiritopatia ocorre por amor, como no caso da moça, que ficou tuberculosa pela atuação do Espírito “tuberculoso” e apaixonado; outras vezes, por vingança, como no caso do médico esquizofrênico. Mas, na imensa maioria dos casos, não é nem por amor, nem por ódio - é por vampirismo; porque, no Mundo Espiritual, o “fluido vital”, máxime o fluido humano, é, para Espíritos infensos à própria evolução e, ainda, apegados aos prazeres terrenos, maior preciosidade do que o ouro para os gananciosos deste mundo. O motivo é simples - de posse da radiação humana especificamente relacionada com as estruturas nervosas adequadas às diversas sensações corporais, esses Espíritos, posto que desprovidos do corpo material, podem satisfazer prazeres e vícios. Sintonizados com os sentimentos das criaturas, esses Espíritos podem sentir a satisfação de comer, beber, fumar e, até, de copular, como se “vivo” se encontrassem. Além disso, roubando fluido humano, com maior facilidade consumirão o “trabalho” de magia negra, se, porventura, o Espírito estiver compromissado com ignorantes e maldosos “feiticeiros”.

Contudo, o pior é que Espíritos materialistas e gozadores, ignorando o próprio estado em que se encontram, convencidos, muitas vezes, de que continuam encarnados, agarrados a ideologias ateístas, interferem contra o Espiritismo.

Obstinados na exploração dos “fluidos vitais”, combatem, por todos os modos e meios que podem empregar, o progresso moral da humanidade. Induzindo médiuns invigilantes ou ignorantes da Doutrina Espírita, à prática de lamentáveis mistificações, esparramam a confusão e amedrontam os pusilânimes.

Se todas as criaturas soubessem dos perigos de contribuir, com sentimentos anti-fraternais, para que Espíritos moralmente atrasados se apoderem de seus “fluidos”, isto é, de radiações de seu corpo espiritual, certamente envidariam maiores esforços no sentido do auto-aperfeiçoamento, a fim de merecerem maior e melhor proteção espiritual. E, ao mesmo passo, procurariam ajudar, não com rezas apapagaiadas, mecanicamente balbuciadas, mas com orações doutrinárias e esclarecedoras, os Espíritos que, convidados ou não, estacionam em todos os lares terrenos - sempre em sintonia de sentimentos com os membros da família.

Porque, acreditem ou não os sábios e os presunçosos, da psicinesia à teleplastia, dos fenômenos psi-gama aos psi-kapa, tudo é mediunidade, tudo é controlado pelos Espíritos: pelos Espíritos superiores, sábios e caridosos, quando os sentimentos são puros e altruísticos; pelos Espíritos inferiores, cultos ou incultos, quando os sentimentos são maus e péssimas as intenções.

E, para que se tenha idéia da responsabilidade moral de cada criatura na preservação das radiações do corpo espiritual, relembramos um episódio bíblico, acontecido com o maior de quantos “Instrutores da Humanidade” hajam até hoje encarnado neste Planeta - Jesus de Nazaré.

Caminhava o Mestre em direção à casa de Jairo, a fim de, com sua prodigiosa mediunidade curadora, salvar-lhe a filha, já considerada morta. Grande multidão de enfermos e curiosos comprimia-o, tolhendo-lhe os passos. Afoita, pobre mulher do povo rompeu a multidão e, insinuando-se entre os discípulos que o cercavam, sorrteiramente tocou-lhe a fímbria da túnica. Era antiga portadora de renitente metropatia, certamente fibroma uterino, sujeito a constantes crises hemorrágicas, que desafiaram a Ciência da época, deixando a coitada na penúria. A mulher curou-se imediatamente. Mas Jesus, ao sentir o arrepio característico da perda de fluido, sem prévio controle do Protetor, ficou preocupado e, imediatamente indagou dos discípulos quem o havia tocado. E como os discípulos, que tinham o dever de protegê-lo, evitando qualquer contato extemporâneo, desculpavam-se com o grande número de criaturas que os cercavam, Jesus, insatisfeito, olhava ao redor para ver quem lhe tocara. Identificando a mulher “atemorizada e tremendo”, sentiu a confiança que ela havia depositado nele, razão por que, prontamente, perdoou-lhe a audácia (Marc. V, 21-34).

h.MISSÃO DO ESPIRITISMO

A mediunidade, seja ela de humilde e desconhecido médium, seja a do “Mestre dos Mestres”, é patrimônio inalienável do Mundo Espiritual a serviço da Humanidade.

Quando o médium curador, no exercício de sua faculdade, cede a outrem, por caridade, uma parcela de sua vida e, o que é mais

importante, uma radiação de seu corpo espiritual, sobretudo se a radiação for para curas supranormais, o Protetor de quem recebeu o “fluido curador”, fica responsável, perante o Mentor do médium curador, pela devolução, no Mundo Espiritual, da radiação emprestada pelo médium, de vez que os “fluidos”, ou, como preferimos, as radiações perispirituais, constituem patrimônio sagrado de cada Espírito, marcando as etapas de sua evolução, ou assinalando os fracassos de suas provas. Daí, a preocupação de Jesus - preocupação que jamais teria, se a perda de “fluido” houvesse ocorrido quando ele se sentia controlado pelo seu Protetor, como se verificou, pouco depois, ao curar a filha de Jairo.

Nada obstante, a cada dia, a cada hora, a cada minuto, a cada instante, há um número incalculável de criaturas terrenas perdendo “fluidos”, porque roubados por Espíritos atrasados, sintonizados com momentâneas vibrações de ódio, de ciúme, de cobiça, de luxúria, etc. Tudo, com enorme prejuízo terreno e, muito maior, espiritual.

Entretanto, se a Humanidade soubesse que o mundo não é dela, porque muito maior do que o número de Espíritos encarnados é o número de Espíritos desencarnados a exercerem numerosas funções nos diversos setores da natureza; e que, duma ou doutra maneira, esses Espíritos influem sobremodo no destino humano, embora sempre de acordo com os sentimentos de cada criatura, talvez que os homens se sentissem estimulados a realizar, paralelamente ao progresso material, o progresso espiritual do mundo, ajudando a evolução dos Espíritos.

Primeiro, porque compreenderiam que os prejuízos causados pelos Espíritos é a resposta perfeita dos erros e injustiças a cada momento cometidos, pelo egoísmo e pela prepotência dos poderosos, contra a miséria e a fraqueza dos pobres e desvalidos; segundo, porque, como cada qual tem a assistência espiritual que merece, pertença à religião que pertencer, os homens procurariam, simultaneamente, corrigir seus sentimentos e amparar os Espíritos.

O caminho está traçado luminosamente há um século, nos postulados da doutrina espírita, a doutrina dos Espíritos evoluídos,

trazida à Terra por grande equipe de Mensageiros de Jesus, desejosos de renovarem os valores da Terra com a renovação dos conceitos do cristianismo.

Jesus, de braços abertos e coração amargurado, aguarda que a humanidade siga, finalmente, o roteiro que traçou e que ninguém seguiu - amar a Deus sobre todas as coisas e, ao próximo, como a si mesmo.

Allan Kardec, o grande missionário a serviço de Jesus, também apontou o roteiro, associando, na doutrina espírita, a Ciência à Religião, e polarizando, nos postulados de sublime filosofia religiosa, o coração e a razão.

Porque é de braços dados que Religião e Ciência, irmanadas no Espiritismo, devem caminhar, ombro a ombro, na gloriosa lide de levar luz e paz à Humanidade!

Niterói, 20 de março de 1972

R. Penna Ribas

NOTAS EXPLICATIVAS

1 - A tese "As Espiritopatias à Luz da Doutrina Espírita", apresentada pelo Dr. Penna Ribas, ao V Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas foi o fato terminal, de uma série de muitos outros, e, que, deu origem à fundação do Neo-espiritismo.

Convém frisar, e bem, que o progresso do Espiritismo era preconizado pelo Mestre Allan Kardec como condição *sine qua non* para a sua subsistência.

Esta assertiva foi ratificada pelo Mestre Léon Denis, expressando assim sobre o assunto no Congresso Espírita, de 11 de setembro de 1888, em Paris: "Não vos viemos dizer que devamos ficar confinados no círculo, por mais vasto que seja, do Espiritismo Kardequiano. Não; o próprio Mestre vos convida a avançar nas vias novas, a alargar a sua obra.

Estendemos as mãos a todos os inovadores, a todos os de boa-vontade, a todos os que têm no coração o amor Humanidade."

2 - Uma razão houve para que tudo ocorresse: é que o marido da médium precisava da prova para se melhorar e assim o carma da médium ser suavizado, pois o marido de materialista e hipnotizador, converteu-se ao Espiritismo. E tudo isso aconteceu com a determinação do Mentor da médium e supervisão do Mundo Espiritual que manda socorro na "hora exata". Em conclusão: de tudo que foi dito uma verdade ressalta insofismável: é que os Espíritos se manifestam com ou sem evocação. Logo, é tolice deixar de orar, com medo de evocar os "mortos", sobretudo quando se conhece o mecanismo da oração e a hierarquia espiritual.

Bibliografia

[1] - **ALLAN KARDEC**

“Livro dos Espíritos” - Texte bilingue - Ed. do Centenário - Cia. Edit. Ismael. São Paulo - 1957. - pág. 51, parág. 73, 74 e 75.

Opus cit. - Edicel - São Paulo - pág. 143 - parág. 253, 254 e 255.

“Iniciação Espírita”- Edicel - São Paulo - pág. 165, parág. 160.

“Revista Espírita” - 1958. Edicel - São Paulo. pág. 346.

[2] - **SAMUEL HAHNEMANN**

“Organon de la Medicina” - Edit. “El Porvenir” México - 1929. Parág. 9 a 12.

[3] - **A. AKSAKOF**

“Un cas de Dématérialisation Partielle” - Librairie de L’art Indép. 1896.

[4] - **E. D’ESPERANCE**

“No País das Sombras” - FEB

[5] - **J. B. RHINE**

“O Alcance do Espírito” - Import. de Livros S.A.

São Paulo - 1965. Pág. 120 ss.

“El Alcance de la Mente” - Paidós edit.

Buenos Aires pág. 130.

“Novas Fronteiras da Mente” - IBRASA - pág. 139

“Extra-Sensory Perception” - Bruce Humphries Publishers - Boston - pág. 137

“Parapsicología” - Ediciones Troquel - Buenos Aires 1964. pág. 156

“O Novo Mundo do Espírito” - Import. de Livros S.A São Paulo. - pág. 87.

“El nuevo mundo de la mente” - Edit. Paidós - Buenos Aires. - pág. 135.

- [6] - **HERNANI GUIMARÃES ANDRADE**
“A Teoria Corpuscular do Espírito” - São Paulo
- [7] - **I. COR. XV, 44**
- [8] - **A. AKSAKOF**
“Animisme et Spiritisme” - Edit. Paul Leymarie - Paris 1906
- pág. 498
“Animismo e Espiritismo” - FEB - 1956, pág. 557.
- [9] - **CURNEY, MYERS E PODMORE**
“Les Allucinations Télépathiques” - Librairie Félix Alcan - Paris - 1914 - pág. 37.
- [10] - **A. AKSAKOF**
“Animisme et Spiritisme” - Edit. Paul Leymarie - Paris 1906
- pág. 316.
- [11] - **G. N. M. TYRREL**
“Apariciones” - Edit. Paidos - Buenos Aires - pág. 150.
- [12] - **CAMILLE FLAMMARION**
“Les forces naturelles inconnues” - Ernest Flammarion, Éditeur - Paris - págs. 98/99.
- [13] - **ALBERT DE ROCHAS**
“L’extériorisation de la Motricité” - Chamuel Editeur - Paris - 1896 - pág. 132.
- [14] - **GABRIEL DELANNE**
“Les apparitions Matérialisées des Vivants & Des Morts - Leymarie Editeur - Paris - 1909 - pág. 400
- [15] - **CESARIO MOREY HOSSRI**
“Prática do Treinamento Autógeno e LSD” - Edit. Mestre Jou - São Paulo - pág. 100
- [16] - **CHARLES RICHET**
“Traité de Métapsychique - Librairie Félix Alcan Paris - 1923 - pág. 232

- [17] - **PETETIN PÈRE**
“Eletricité animale” - Lyon - 1808.
- [18] - **CESARE LOMBROSO**
“Hypnotisme et Spiritisme” - Ernest Flammarion, Éditeur - Paris 1922 - pág. 10
Tradução LAKE - São Paulo
- [19] - **A. BINET E CH. FÉRE**
“Le Magnétisme Animale” - Félix Alcan - Éditeur - Paris - 1908.
- [20] - **ALBERT DE ROCHAS**
“L’extériorisation de la sensibilité” - Chamuel Éditeur - Paris - 1895 - chap. III
“A feitiçaria” - EDICEL - São Paulo
- [21] - **J.K. FRIEDRICH ZOLLNER**
“Física Transcendental” - Trad. FEB - págs. 32 e 40.
- [22] - **RENÉ SUDRE**
“Introduction a La Métapsychique Humaine” Paris - 1926 - pág. 226 ss.
- [23] - **BERNHEIM (Dr.)**
“Hypnotisme Sugestion Psychothérapie” - Octave Doin, Éditeur - Paris 1891.
- [24] - **JAMES ESDAILE**
“Cirurgia Mayor y Menor Bajo Hipnosis” - Edit. Crespillo - Buenos Aires.
- [25] - **ANTOINE FRÉDÉRIC MESMER**
“Mémoire sur la découverte du magnetisme animal” Paris - 1779. Édité. P. F. Didot.
- [26] - **FERENC ANDRÁS VOLGYESI**
“La Hipnosis en el hombre y en los animales”
Cia. Edit. Continental - México - Espanha - Argentina - Chile - pág. 26

- [27] - **JAMES BRAID**
“Neurohipnologia” - Edit. Poblet - Buenos Aires - 1960 -
pág 63.
- [28] - **FERENC ANDRÁS VOLGYESI**
“La Hipnosis en el hombre y en los animales”
Cia. Edit. Continental - México - Espanha - Argentina -
Chile - pag. 54
- [29] - **LAFONTAINE**
“L’art de magnétiser” - Bailliére - Paris - 1847
- [30] - **LOUIS JACOLLIOT**
“Le Spiritisme Dans le Monde” - Lacroix & Cia. Éditeurs.
Paris - 1875
“O Espiritismo na Índia” - Editora Espírita Ltda. - Rio -
1935.
- [31] - **AZAM (Dr.)**
“Hypnotisme et Double Conscience” - Félix Alcan - Éditeur
- Paris - 1893 - pag. 41
- [32] - **IAN STEVENSON, Md.**
“20 casos sugestivos de Reencarnação” - Edit. Cultural São
Paulo - pag. 64 ss.
- [33] - **ADOLPHO BEZERRA DE MENEZES**
“A Loucura sob Novo Prisma” - FEB 1946
- [34] - **CARLOS IMBASSAY**
“Enigmas da Parapsicologia” - Edição Calvário 1967 - São
Paulo - pag. 159.